

O fim da Educação na Sociedade Unidimensional The end of Education in One-Dimensional Society

Rodrigo da Silva dos Santos
Mestrando do PPGF-UFRJ

Resumo: Este artigo procura refletir sobre os fins da educação nas sociedades unidimensionais a partir das considerações de Herbert Marcuse e Neil Postman. A base de nossa argumentação é a contraposição entre o conceito e a finalidade da educação engendrados na Grécia Antiga, que vinham orientando, ora mais, ora um pouco menos, os rumos do mundo ocidental; e, por outro lado, abordamos a nova perspectiva que a educação adquire em uma realidade social unidimensional, comandada por uma racionalidade tecnológica intransigente em relação a qualquer modo de pensar alternativo que não a ratifique.

Palavras-chave: Educação; escola; sociedade unidimensional; Herbert Marcuse; Neil Postman.

Abstract: This paper intent to reflect about de ends of education in one-dimensional societies from considerations of Herbert Marcuse and Niel Postman. The basis of our argumentation is the contraposition between the concept and the finality of education engendered in Ancient Greek, that had been guiding, sometimes more, sometimes a little less, the directions of the occidental world; and, on the other hand, we approach the new perspective which education acquire in a one-dimensional social reality, commanded by intransigent technological rationality in relation a any mode of alternative thinking which do not ratify itself.

Key-words: Education; school; one-dimensional society; Herbert Marcuse; Neil Postman.

O escopo deste artigo é elaboração de uma reflexão que chame a atenção para os propósitos da educação, nas ditas sociedades unidimensionais, isto é, aquelas sociedades identificadas por Herbert Marcuse como tendo um alto nível de desenvolvimento industrial, científico e tecnológico, mas que também são sociedades que adquiriram dispositivos tais que anulam de modo quase total qualquer pensamento e comportamento que lhe sejam contrários ou alternativos à sua existência. Marcuse, em *One-Dimensional Man*, de 1964, (traduzido para o português pela editora Zahar com o título *Ideologia da Sociedade Industrial*), chama a atenção para o fato de que as características das sociedades unidimensionais não prevaleciam em grandes setores dentro e fora da mesma, mas seria uma questão de tempo até que estas prevalecessem em todo o mundo.

Acreditamos, aliás, que, atualmente, isto já ocorre também em muitos países subdesenvolvidos e “em desenvolvimento”, como o Brasil.

Não obstante, nossa argumentação se vale também, com o objetivo de realizar uma análise comparativa, do conceito e da finalidade da educação na Grécia Antiga, que vinham orientando, ora mais, ora um pouco menos, os rumos do mundo ocidental; e, por outro lado, a nova perspectiva que a educação adquire em uma realidade social unidimensional, comandada por uma racionalidade tecnológica intransigente em relação a qualquer modo de pensar alternativo que não a confirme.

Consideremos, de início, a concepção grega antiga, talvez a principal responsável pela existência de nossa cultura ocidental. Segundo Werner Jaeger, educação para o homem grego é *paidéia*, termo de difícil definição, pois seu sentido envolveria outros termos modernos tais como os de civilização, cultura, tradição, literatura e educação, justamente por sua complexidade e abrangência.³⁰⁷ Contudo, talvez possamos reduzi-la ao termo *cultura*, ou ao termo *formação*. A educação grega enquanto *formação* busca o aprimoramento e amadurecimento do indivíduo no intuito de atingir a sua forma completa, perfeita, formando assim o verdadeiro homem, conforme a sua natureza. Sua natureza, por sua vez, é a de ser um ser político. Portanto, tornamo-nos plenamente humanos quando vivemos em uma comunidade humana, de maneira ativa politicamente. Isto também pressupõe que o ser humano seja livre, isto é, autônomo.

Nesta comunidade, o homem grego busca o melhor para si e para a *polis* da qual faz parte, com o objetivo de atingir a “melhor vida”, significando esta a melhoria em sua qualidade de vida frente aos desafios que enfrenta na luta pela existência. Esta é a busca da realização de sua natureza *verdadeiramente* humana – livre da labuta, da feiúra e da miséria.

Este busca pelo melhor, na verdade, corresponde àquilo que Marcuse denomina *cultura*: “[...] cultura aparece então como o complexo de objetivos (*Ziele*) (ou valores) morais, intelectuais estéticos, considerados por uma sociedade como meta (*Zwek*) da organização, da divisão de seu trabalho – ‘o Bem’ (*das Gut*), que deve ser alcançado mediante o modo de vida por ela instituído (MARCUSE, *Comentários para uma redefinição de cultura*. In. MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. v. 2. p. 157)

Ou, em outros termos:

³⁰⁷ JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. p. 1.

[...] cultura é mais do que uma mera ideologia. Em vista dos objetivos que a civilização ocidental declara e da pretensão de realizá-los, definiríamos Cultura como processo de *humanização (Humanisierung)* caracterizado pelo esforço coletivo para conservar a vida humana, para pacificar a luta pela existência ou mantê-la dentro de limites controláveis, para consolidar uma organização produtiva da sociedade, para desenvolver as capacidades intelectuais dos homens e para diminuir e sublimar a agressão, a violência e a miséria (MARCUSE. *Comentários para uma redefinição de cultura*. In. MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. v. 2. p. 154)

Este *Bem*, apreendido pela intuição de uma realidade em si antagonica – *bidimensional*, constituída por pares de opostos como verdadeiro / falso, belo / feio, bem / mal, etc. –, por conseguinte, buscará o que é o verdadeiro em detrimento do que é falso. Neste sentido, podemos afirmar que o *Bem* (a Cultura) – a busca da Verdade – é o que *humaniza*, o que *liberta*. “Razão e Liberdade convergem.”³⁰⁸ Isto porque os seres humanos, em sua luta pela existência, necessitam esforçar-se na procura do conhecimento, pois o que é bom, justo e verdadeiro não é revelado imediatamente em suas consciências.³⁰⁹

Dito isto, vamos agora a outra visão da educação – a visão *unidimensional* da sociedade industrial contemporânea – aparentemente vista como a sociedade da Razão, dado o grande nível de avanço científico e tecnológico que atingiu – mostra-se, em verdade, uma sociedade irracional, pois sua produtividade destrói o livre desenvolvimento das faculdades e necessidades humanas.

Isto porque os valores e as necessidades políticas desta sociedade industrial tornam-se valores e necessidades dos indivíduos que nela habitam de modo imediato e irrefletido, devido ao poder arrasador da indústria cultural desta sociedade e da falência de instituições históricas que antes tinham certo poder político e axiológico que lhe podiam fazer algum tipo de oposição, como, por exemplo, a *família*.

Portanto, a satisfação destas necessidades e valorização dos valores da sociedade unidimensional por parte dos indivíduos promove o avanço da comunidade e dos interesses econômicos das grandes corporações. Esses

³⁰⁸ MARCUSE, Herbert. **Ideologia da sociedade industrial**. p. 129.

³⁰⁹ MARCUSE, Herbert. Sobre o caráter afirmativo da cultura. In. MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. v. 1. p. 89.

interesses, para Marcuse, parecem constituir o paradigma da racionalidade contemporânea.

O progresso técnico e científico derivado de um sistema de coordenação e dominação total estabelece formas de poder e de vida que reconcilia as forças que ora se lhe opunham e refuta todo protesto que tenha a pretensão de impedir o avanço histórico da liberdade frente à dominação e à labuta. Contendo, assim, qualquer iniciativa contundente de transformação social. Marcuse supõe que esta contenção seja, talvez, “a mais singular realização da sociedade industrial desenvolvida”.³¹⁰

Nesta sociedade eficaz e eficiente, o aparato produtivo tende, cada vez mais, a controlar de modo totalitário não apenas as atitudes e necessidades sociais, mas também, as necessidades e aspirações individuais. Destruindo, assim, a distinção e oposição entre esfera pública e privada da existência, entre o que são necessidades e interesses privados e o que são necessidades e interesses públicos. A partir disso, os meios de informação de massa facilmente fazem a população aceitar interesses particulares como se fossem interesses de todo ser humano racional em geral. Marcuse ressalta que tais características se encontram não apenas em países capitalistas, mas também podemos encontrar tais características naqueles países ditos comunistas.

A partir desta produtividade totalitária da sociedade afluyente, a própria noção de neutralidade tecnológica não mais se sustenta, pois, para Marcuse, a tecnologia não pode ser desvinculada do uso que a sociedade lhe dá.

Destarte, conclui que a tecnologia é utilizada como instrumento de dominação. Por conseguinte, sociedade industrial contemporânea busca incessantemente a elaboração de técnicas que organize a vida de seus membros para que seus interesses produtivos sejam objetivados, sob a orientação de uma razão técnica. Graças a esta razão técnica, nas sociedades capitalistas industrialmente desenvolvidas, a dominação “tende a perder seu caráter explorador e opressivo e a tornar-se ‘racional’, sem que com isso a dominação política desapareça”.³¹¹ Pois, Marcuse observa que uma ação política “totalitária” não se resume a uma coordenação política terrorista da sociedade. Ela se revela, outrossim, na coordenação técnico-econômica não-

³¹⁰ MARCUSE, Herbert. **Ideologia da sociedade Industrial**. p. 16.

³¹¹ HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência enquanto ‘ideologia’**. p. 314.

terrorista, cuja característica é a manipulação das necessidades dos indivíduos através de interesses impostos ideologicamente.

Ademais, para Marcuse, não apenas uma forma específica de governo ou direção partidária constitui o totalitarismo, mas também um sistema específico de produção e distribuição que proporcione uma variedade de partidos, jornais, instituições, etc., mas que, ao mesmo tempo, mantém um controle hegemônico dos comportamentos e pensamentos dos indivíduos que nele vivem.

Este totalitarismo, paradoxalmente repressor (cerceador da liberdade enquanto autodeterminação) e confortável (estimulador da alta produtividade, aumento do consumo de bens e serviços, satisfação de prazeres imediatos) encontra-se no chamado *Estado do Bem-Estar Social*, onde o fio condutor de sua racionalidade se apóia na hipótese de que se pode haver um Estado que seja capaz de manter uma vida administrada, segura, e confortável, onde os indivíduos possam ser pré-condicionados a se satisfazerem com a variedade crescente de mercadorias produzidas pelo aparato produtivo – e que estas mercadorias sejam também os pensamentos, sentimentos e aspirações. A partir desta ideologia, surge a seguinte questão: por que os indivíduos desejariam pensar por si mesmos, sentir por si mesmos, ou, até mesmo, agir por si mesmos?

Neste sentido, Marcuse denuncia, como foi dito acima, a invasão do espaço privado pela realidade tecnológica. Esta invasão se dá pela imediata e automática identificação do indivíduo com a sociedade técnico-científica. A dimensão crítica do pensamento é obliterada por uma ideologia que silencia e reconcilia a oposição de qualquer negatividade do pensar que possa pôr em dúvida a validade da ideologia dominante.

Os produtos doutrina e manipulam a individualidade. A publicidade dos meios de comunicação de massa tornam-se estilos de vida. Os indivíduos são conformados e *se conformam* às leis das coisas, não às leis físicas, mas às da sociedade.

Esta, por sua vez, impõe um padrão de *pensamento e comportamento unidimensionais*, que é definido pelo rechaço das idéias, aspirações e objetivos, cuja natureza é transcendência do estado de coisas do universo estabelecido; ou, ainda, a redução dos mesmos a este universo unidimensional, ou seja, idéias, aspirações e objetivos unidimensionais (que

não são autenticamente dos indivíduos, mas sim da sociedade unidimensional).³¹²

E como isto é efetivado? É sustentado através de uma educação que tem o objetivo de sustentar os costumes e valores que são necessários à preservação do *status quo*, pois a educação é transformada em instrução do povo – que não é na verdade *povo*, mas *massa*, sem autonomia para decidir seu próprio futuro – para a violência e para a destruição, derivada da ideologia capitalista que prega

A tolerância com a imbecilização sistemática de crianças e adultos pela publicidade e propaganda, a libertação do espírito destrutivo ao volante dos automóveis, o recrutamento e treinamento de forças militares especiais, a importante e benevolente tolerância com a fraude declarada no comércio, no desperdício, na obsolescência planejada, [que] não são distorções ou aberrações, [mas]constituem a própria essência que fomenta a tolerância [passiva] como meio de perpetuar a luta pela vida e suprimir as alternativas (MARCUSE; WOLFF; MOORE JR., **Crítica da tolerância pura**. p. 89).

Esta educação unidimensional, por sua vez, é promovida e disseminada progressivamente por todo o mundo, do Ocidente ao Oriente, de modo inexorável.

Neil Postman, pensador que se preocupa com os rumos da educação nos Estados Unidos (a sociedade unidimensional *par excellence*), nos diz, em seu livro *O Fim da Educação* – cujo título é propositalmente ambíguo, pois, ao discutir o futuro da escola e da educação na sociedade americana, coloca tanto a questão de sua finalidade quanto a possibilidade de sua extinção da forma como a pensamos –, que costuma-se considerar na sociedade norte-americana dois problemas na escola que temos que resolver: um deles é o de engenharia, isto é, dos meios ou maneiras pelas quais os alunos são ou devem ser instruídos; para Postman este problema geralmente é endeusado, sem, no entanto, merecer, porque maneiras, métodos de aprendizado existem vários, uns que parecem melhores que outros, é verdade, contudo, dizer de modo absoluto que existe uma maneira que supere todas as outras é reduzir a aprendizagem a mera habilidade mecânica. Porém, mais importante que isso é o outro problema, que costuma sair do foco das discussões sobre educação, que é o problema metafísico. Mas, em que consiste este problema? Para Postman, o problema

³¹² MARCUSE, Herbert. **Ideologia da sociedade industrial**. p. 32.

metafísico da escola e da educação consiste na razão de ser dela própria, ou seja, a questão do seu fundamento, ou seja, o seu porquê.

Devemos, alerta Postman, antes de mais nada não confundir razão de ser com motivação, que se referiria a um evento psíquico, onde a atenção é enfocada e a curiosidade despertada. Sem querer desmerecer o importante papel da motivação, devemos ter claro que cumpre não confundi-la com uma razão de ser para estar numa sala de aula, para escutar o que diz um professor, para prestar um exame, para fazer o dever de casa, para tolerar a escola mesmo que não se esteja motivado.³¹³

Para Postman também chama estas razões de ser, estes *porquês*, com o nome de *deuses*, ou de *fins*. Podemos também chamá-las de *ideologias* ou *valores*. São eles que irão guiar o ser humano a procura de sua humanidade. Postman logo após observa:

Esta mobilidade da razão é um pouco abstrata, nem sempre está presente na consciência, não é fácil de descrevê-la. E no entanto, apesar de tudo, sem ela a escolaridade não funciona. Para que a escola tenha algum sentido, os jovens, seus pais e professores precisam ter um deus a quem servir, ou, ainda melhor, vários deuses. Se não têm nenhum, a escola é inútil. O famoso aforismo de Nietzsche é pertinente aqui: ‘Quem tem um *porquê* para viver pode suportar bem um *como*.’ Isto se aplica tanto à aprendizagem como à vida. Para dizê-lo com simplicidade, não há meio mais seguro de pôr fim à escola do que não lhe atribuir um fim (POSTMAN, Neil. **O fim da educação: redefinindo o valor da escola**. p. 12).

A sociedade unidimensional não é uma sociedade sem fins, evidentemente que não. Mas muitos destes fins ou deuses são daqueles que falham, ao ver de Postman, tal como o deus Consumo, ou o poderoso deus Tecnologia. Marcuse, por seu turno, ainda diz mais. Além de falhar na humanização do ser humano, o deus Tecnologia, da forma como a sociedade unidimensional o instrumentalizou, levará a humanidade ao seu aniquilamento, em um futuro que não parece muito distante, basta ver as recentes discussões sobre aquecimento global e exploração exagerada ou “não sustentáveis” dos recursos naturais.

Concluimos por fim que, na sociedade unidimensional, e progressivamente no resto do planeta, a educação tal como foi idealizada pelos antigos gregos – uma educação como prática da liberdade –, parece estar com seus dias contados. Atualmente podemos ver continuidade desta

³¹³ POSTMAN, Neil. **O fim da educação: redefinindo o valor da escola**. p. 12.

tradição, *mutatis mutandi*, no pensamento educacional de Paulo Freire. Para Freire educação é luta histórica pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres para si, como *seres-mais*, isto é, como seres que, não satisfeitos com sua situação presente de limitação e opressão projetam e lutam pela transcendência deste presente em busca um futuro mais feliz (FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. p. 31-49)

Será que é possível salvaguardar a concepção de educação acima, ou não mais interessa sua existência para o nosso mundo unidimensional do século XXI, que apesar de suas poderosíssimas mídias, é tão antidialógico e cerceador do pensar oposicionista?

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência enquanto 'ideologia'**. Trad. de Željko Loparić e Andréa Maria Loparić. São Paulo: Abril cultural, 1980. p. 314. (Coleção Os Pensadores).

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARCUSE, Herbert. **Ideologia da sociedade industrial**. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

_____; WOLFF, Robert Paul; MOORE JR., Barrington. **Crítica da tolerância pura**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

_____. Comentários para uma redefinição de cultura. Tradução de Robespierre de Oliveira. In. MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. v. 2. São Paulo: 1998. p. 157.

_____. Sobre o caráter afirmativo da cultura. Trad. de Wolfgang Leo Maar. In. MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 89.

POSTMAN, Neil. **O fim da educação: redefinindo o valor da escola**. Tradução de José Lourenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.